



**Resenha** 

---

BARCELOS<sup>1</sup>, Valdo. *Avaliação na Educação de Jovens e Adultos: uma proposta solidária e cooperativa*. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2015. 167p.

Rosimeiry Prado Rodrigues\*

A obra *Avaliação na Educação de Jovens e Adultos: uma proposta solidária e cooperativa* é produzida a partir das experiências de Barcelos, advindas da sua formação acadêmica, do trabalho de formação docente na EJA na educação básica e das suas práticas em movimentos sociais. As experiências adquiridas em situações formais e não formais de educação, com proximidade com a alfabetização de pessoas jovens, adultas e idosas, contribuíram para a produção da obra resenhada e de mais duas produções acadêmicas sobre o tema e a que Barcelos faz referência em diversas passagens do texto: *Educação de Jovens e Adultos – currículo e práticas pedagógicas* (2012) e *Formação de professores para a Educação de Jovens e Adultos* (2009). O propósito da obra é indicar caminhos para a efetivação da avaliação na EJA, de forma solidária e cooperativa, conceitos que o autor descreve como sendo um convite para que as pessoas se unam com interesse comum e obrigação moral de se ajudarem uns aos outros em parceria.

A obra é desenvolvida em cinco capítulos nomeados pelo autor de “estações”, nos quais o leitor é convidado a desembarcar ou seguir viagem para as “estações” seguintes e poderá traduzir, no decorrer do livro, o que seria uma proposta de construção de uma avaliação solidária para avaliação na EJA, modalidade da educação básica composta, segundo Barcelos, por alunos cuja relação com a escola é marcada pelo fracasso e pelo sentimento de inferioridade e, desse modo, as práticas educativas para essa modalidade precisam considerar seus limites, com definição clara do seu campo de atuação. As concepções freirianas sobre educação; a sociopoética, de Jacques Gauthier; e a Biologia do Amor e Biologia do Conhecimento fundamentam as reflexões do autor, o que se atrela ao fato de que a avaliação, foco da obra, é analisada a partir do entrelaçamento com as concepções de conhecimento, de aprendizagem, de currículo, de

---

<sup>1</sup> Valdo Barcelos é Pós-doutor em Antropofagia Cultural Brasileira. Doutor em Educação Cultural Brasileira pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC-SC). Mestre em Educação pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM-RS). Pesquisador produtividade 1-CNPq do Programa de Pós-Graduação em Educação e professor associado à UFSM-RS.

\* Mestranda em Ensino pelo Programa de Pós-Graduação em Ensino (PPGE), da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB). Especialista em Educação: novos paradigmas pela Faculdade Pitágoras e em História Social do Trabalho pela Uesb. Professora de História da Educação Básica na rede estadual de ensino da Bahia. Licenciada em História pela UESB. E-mail: rose.prado@ymail.com.

composição de turmas e da forma de organização de tempos e espaços escolares, para ressignificá-los.

Barcelos nomeia a introdução da obra de “Para começo de conversa...”. Logo no início do texto, interliga a temática da avaliação ao currículo e às práticas didáticas, metodológicas e pedagógicas. Ressalta que a avaliação não tem fim em si mesma e, portanto, não pode justificar-se por si só, o que, segundo o autor, comumente acontece, pois os professores da EJA, convictos da necessidade de uma avaliação que contemple as particularidades da modalidade, buscam a reestruturação da avaliação pensando apenas nas questões instrumentais, técnicas e burocráticas, quando seu propósito, enfatiza Barcelos, deveria ser a análise do percurso educativo e não a construção de um manual para a execução de testes, provas e trabalhos. Chama-se a atenção para o fato de que há pouca reflexão sobre avaliação na educação básica e poucas pesquisas acadêmicas sobre o tema, e destaca-se que o que é produzido sobre avaliação não é socializado nos espaços de maior interesse nessas produções: as escolas. Ao propor uma nova perspectiva de avaliação para a EJA, Barcelos entende que, apesar de haver aspectos de particularidades restritos ao segmento, a abordagem sobre o tema, apresentada na obra, também é adequada às demais etapas da educação básica e do nível superior. Não conseguir resolver o problema da reprovação e\ou da não aprendizagem na escola coloca em cheque todo o potencial e objetivo da instituição que tem, na razão de sua existência, garantir aos educandos o direito básico à educação.

A obra convida a repensar a ideia de avaliação apenas como sucessão de provas, testes e trabalhos, realizados a partir de conteúdos que precisam ser medidos em um momento definido. É preciso, assim, tirar da avaliação seu caráter hierarquizante e classificatório, o qual pode contribuir para a construção da ideia de inferioridade e fracasso. É justamente no espaço escolar, o qual deve promover, além da educação, cidadania e justiça social, que se há de levar em consideração que os educandos da EJA já vêm de históricos de fracassos com relação às velhas práticas de avaliação. A fragilidade na formação do que o autor chama de educador-professor é destacada em âmbito geral, e não apenas a partir das necessidades de qualificar-se para a atuação na modalidade EJA. Nessa perspectiva, o professor bem preparado atuaria em qualquer etapa da educação básica, pois se adequaria às suas diferentes realidades.

A avaliação aparece na primeira “estação” (“Avaliar ou não avaliar: eis a questão”) inserida no contexto de ter por objetivo promover o desenvolvimento humano, com a premissa de que cada ser possui a autonomia de escolher o que deve desenvolver em si mesmo. Barcelos afirma que compete ao professor entender o que ele, professor, não consegue fazer para que os alunos aprendam e, a partir daí, perceber o que foi entendido pelo aluno para refazer o percurso do entendimento e dedicar-se a reconstruir o que não foi entendido, de modo a superar o senso comum a partir deste próprio. Segundo Barcelos, ao reestruturar suas práticas e deixar de lado elementos como cópias e memorizações insignificantes, o educador construirá um caminho para o real sentido da educação de adultos, proposta entre os temas dos direitos humanos, que confere aos educandos o direito à educação e efetiva participação social. Para destacar suas proposições, o autor cita Gadotti (2009), para quem a avaliação: “[...] deve ser feita em processo e de levar em conta os diferentes níveis de alfabetização que condicionam os métodos de ensino-aprendizagem. A avaliação não deve ser mecânica; ela deve captar o sentido do que se lê. Ela é parte do desenho de qualquer processo de alfabetização” (GADOTTI, 2009, p. 21 apud BARCELOS, 2016, p. 35).

Na obra, apresentam-se novos papéis para novos educadores que podem ser autores da reformulação das suas práticas e, além disso, permitem-se dividir responsabilidades quanto ao resultado das ações pedagógicas. É preciso construir novos caminhos mais suaves e eficazes, desconstruir a ideia de que existem os que aprendem e os que não aprendem, pensar o processo de avaliação sem certezas e metas e entender que a reprovação ao aluno é uma reprovação ao próprio educador. Barcelos destaca o artigo 26 da Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão para reforçar a ideia de que a Educação Básica deve favorecer a educação continuada e salientar que a avaliação envolve uma condição política e cultural, o que conduz a uma reflexão sobre os sentidos e importância dos conteúdos para a modalidade EJA. Barcelos enfatiza que a avaliação deve acontecer no processo educativo e que a ideia de reformular a avaliação não deve estar na proposição de novos incrementos técnicos, o que se constituiria em mais um peso para o professor. Embora haja o entendimento das dificuldades advindas das condições de trabalho, falta de recursos, material didático e outros, o que se propõe é a avaliação no processo, em que haja troca entre professor e educando e a escuta e a amorosidade tragam mais leveza a ela.

Na segunda “estação” (“Avaliação, um primo pobre da educação?”), Barcelos destaca que as práticas pedagógicas são vulneráveis a momentos de turbulência na conjuntura educacional e social, nos quais estudos sobre a avaliação ganham foco na academia e novas disciplinas e práticas pedagógicas são apresentadas. Como mudanças de governo também desestruturaram as práticas pedagógicas, fragilizando-as, torna-se necessário uma coerência pedagógica que se situa a partir do referencial do educando. Deve-se, segundo autor, praticar a amorosidade e a criticidade, manter o respeito ao educando (na perspectiva de não separar as culturas de resistência das categorias hegemônicas do pensamento), não esquecer que há na pesquisa um sentido espiral e humano e não tratar os educandos como objeto de pesquisa. Para tanto, propõem-se interlocuções com especialistas em avaliação, com diferentes tendências avaliativas que estejam em discussão ou implementação, a fim de que se possam renovar nossas práticas educativas. Nessa perspectiva, o autor recorre às ideias de Jacques Gauthier, que introduz a sociopoética no Brasil, com a proposição de rompimento com a cultura de desconsideração pelo outro na construção de saberes. Associa-se, assim, a temática ao teatro do oprimido de Augusto Boal, que, ao objetivar colocar como protagonista quem sempre foi coadjuvante, trouxe o teatro popular como forma de resistência da sociedade retratada à época da Ditadura Militar. Ao transpor a referência ao teatro dos oprimidos para a sala de aula, daríamos aos educandos o protagonismo que lhes cabe.

Na terceira “estação” (“De que lugar conversamos?”) e ainda na perspectiva de buscar conhecimentos de outras áreas para auxiliar as abordagens pedagógicas, Barcelos cita as referências do biólogo, pesquisador e pensador chileno Humberto Maturana Romesín, para trazer à tona dois pressupostos epistemológicos e científicos do pesquisador – a *Biologia do amor* e a *Biologia do conhecimento* – e argumentar que a aprendizagem humana pode acontecer a partir do emprego de várias metodologias, práticas didáticas e organizações pedagógicas. Como nos tornamos humanos pela aceitação, pela tolerância, pela solidariedade e pela cooperação, ganham força a colaboração como base para a superação da competição, e a solidariedade, em oposição à indiferença. A partir desses fundamentos, a aceitação do outro não acontecerá como um fardo, e o processo educativo poderá deixar de ser pautado hegemonicamente na razão, já que passará a considerar também o corpo e as emoções. Propõe-se a criação de

espaço de colaboração, solidariedade, empatia, sem discriminação, intolerância, coerção e exclusão.

A avaliação, assim pensada, constrói-se como uma rede de entrelaçamento de aspectos fortalecedores de uma proposta solidária e cooperativa, pois, conforme Barcelos, a nossa relação com o mundo é o lugar que temos para falar sobre o que somos. Por isso, é preciso entender o mundo em que vivemos e em que vivem os nossos alunos, visto que suas experiências, atitudes e referências partem desse lugar que o educador precisa compreender para também compreender os educandos e promover os questionamentos corretos sobre as práticas pedagógicas. Nem sempre a importância que damos à educação é a mesma dada pelos alunos, o que leva à consideração de que a desconexão entre educadores e educandos deve ser superada. É preciso, ainda, produzir a descolonização dos saberes, uma vez que não se pode correr o risco da mera reprodução de saberes que apenas confirmam as concepções dominantes, advindas de um etnocentrismo cultural, herança do processo colonial. Sem essas reflexões, tira-se da escola seu potencial transformador e esta atua de forma a favorecer os interesses da nossa elite econômica, bem como da elite econômica mundial.

Na quarta “estação”, defende-se que, em uma perspectiva solidária e cooperativa, a escola deve aparecer como espaço de vivência e convivência, contribuindo para dar voz a indivíduos silenciados historicamente, em vez de apenas discipliná-los. Nessa perspectiva, Barcelos retoma a fundamentação da *Biologia do amor*, segundo a qual a evolução dos seres não ocorre por meio da competição, mas com vistas à preservação do seu modo de vida. Por ser preciso repensar práticas avaliativas que reproduzem o modelo coercitivo da sociedade, torna-se necessária a intervenção de cada um. Para que se realize uma avaliação solidária e cooperativa, é essencial que se levem em consideração as individualidades e contextos socioculturais. Cumpre lembrar, no entanto, que falar de uma educação efetiva e humanista não lhe tira o caráter efetivo e técnico. O educador da EJA precisa ser um escutador (mais um conceito freiriano) dos seus alunos e entender que a educação faz sentido para nos tornarmos melhores. Dessa forma, a humildade do professor torna-se terra fértil para entender os ritmos diferentes de aprendizagem, vencer inseguranças, timidez, não apenas para compensar o que talvez não seja mais possível, mas para a construção de uma educação que vise à cidadania. Assim, também a avaliação solidária e cooperativa

deve buscar a construção de processos avaliativos que consigam desfazer a representação negativa e geradora de tensão aos educandos.

A quinta “estação” (“Para dar uma pausa nessa conversa”) é o capítulo em que o autor questiona quais aspectos apresentados sobre a avaliação, em sua obra, são reflexões exclusivas para a EJA e o que pode ser estendido às demais modalidades e níveis da educação escolar. Barcelos enfatiza que a proposição da sua obra está em levantar considerações sobre a avaliação na EJA, apresentar novas trilhas sem pretender tornar-se uma cartilha ou porto seguro para os educadores, os quais deverão conduzir suas ações, a partir de suas inquietudes, e entender a importante proposição de adentrar jovens adultos e idosos no mundo das letras, do conhecimento científico disponível no mundo: a escola apenas ganhará em qualidade ao democratizar suas ações, e o mundo se tornará mais solidário e cooperativo.

Apresentar o perfil do aluno da EJA com sua trajetória de exclusão social faz o leitor refletir sobre como a tarefa do educador nessa perspectiva de educar para resgate da cidadania, por um lado, é densa e, por outro, pode ser facilitada por práticas mais brandas, a partir da proposição de currículos relevantes, práticas didáticas que coloquem o aluno como protagonista e processos avaliativos feitos e refeitos no percurso. No entanto, é difícil nos desarmarmos das referências das nossas práticas ao percebermos as dificuldades de atuação em classes da EJA, nas quais a exclusão social de que esses educandos são vítimas gera, no ambiente escolar, espaços de convivência tumultuada. Sendo um espaço onde as mais diversas formas de violência se assentam, a preparação do educador perpassa também o seu equilíbrio emocional. A obra de Barcelos é uma excelente indicação a quem, como eu, se predispõe a refletir sua prática na educação de modo geral ou, na EJA, de forma particular. Por meio de suas proposições, o autor conduz o leitor, de forma envolvente, a pensar a avaliação como elemento abrangente de todo o fazer pedagógico. A temática avaliação está presente em toda a obra sem que, necessariamente, a palavra avaliação se apresente. A obra consegue desmistificar pilares preconcebidos sobre avaliação, incorporados em nossas práticas e que acabam reafirmando um modelo de avaliação que exclui, desconsiderando o contexto sociocultural do educando e ratifica o modelo social dominante. A evocação poética do autor no trato das inseguranças do educador traz alento ao enfatizar que é difícil aceitar a aventura de traçar novos caminhos: não precisamos necessariamente de certezas;

precisamos de crenças (na educação e em uma sociedade de maior equidade) e suportes para fazer o que precisa ser feito (formação do professor, embasamento teórico, aproximação com outras áreas além da educação).

### Referências

BARCELOS, Valdo. *Avaliação na Educação de Jovens e Adultos: uma proposta solidária e cooperativa*. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2015. 167p.